

DO PARANÁ À BAVIERA: ESTRATÉGIAS PARA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CATOLICISMO EM PARANAÍ-PR

FROM PARANÁ TO BAVIERA: STRATEGIES FOR THE INSTITUTIONALIZATION OF CATHOLICISM IN PARANAÍ-PR

Leide Barbosa Rocha Schuelter¹

Resumo: Objetivamos tecer algumas considerações acerca do processo de institucionalização do catolicismo em Paranaí-PR (1950–1960) projeto que se insere dentro do cenário religioso nacional no contexto da romanização. O desenvolvimento do projeto de aproximação dessa comunidade, a práticas mais próximas do catolicismo romanizado foi colocado em ação por um grupo de freis carmelitas pertencentes a Província Carmelita de Bamberg (*Oberdeutsche Provinz der Karmeliten*). Ao longo do processo de edificação desse projeto missionário, os freis carmelitas produziram cartas e artigos que eram enviados a Alemanha e publicados na revista *Karmelstimmen*. As ações institucionalizadoras elaboradas pelos religiosos em questão foram analisadas neste texto, enquanto estratégias para lograrem o domínio do espaço sagrado.

Palavras-chave: Carmelitas; Paranaí-PR; Catolicismo.

Abstract: We aim there weaves some considerations about the process of institutionalization of the Catholicism in Paranaí-PR (1950–1960). This process accompanied the cultural, social and urban development of the city and in this territory in formation, the religiosity lived by the residents was distanced from the Catholicism sought by the Catholic Church, represented by the Order of Carmo. The development of the project to approach this community, the institutionalized practices of Catholicism, was put into action by a group of Carmelite friars belonging to the Carmelite Province of Bamberg (*Oberdeutsche Provinz der Karmeliten*). Along the process of construction of this project missionary, the friars Carmelites produced letters and articles that were sent Germany and published in the *Karmelstimmen* magazine. The institutionalizing actions elaborated by the religious in question were analyzed in this text as strategies to achieved mastery of the sacred space.

Keywords: Carmelites; Paranaí-PR; Catholicism.

Artigo submetido em 30/08/2018. Aprovado em 06/12/2018.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá (2002). Especialista em História das Religiões DHI/UEM (2012). Mestre em História PPH/UEM (2015). Doutoranda em História do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: leideschuelter@hotmail.com



Introdução

Este artigo é um recorte de dissertação intitulada: “Do Paraná à Baviera cartas e artigos da Ordem do Carmo acerca da implantação do catolicismo em Paranaíba-PR (1950–1958)”. Durante a pesquisa procurou-se evidenciar como o processo de institucionalização do catolicismo na cidade acompanhava o desenvolvimento cultural, social e urbanístico. E principalmente como nesse território em formação a religiosidade vivenciada pelos moradores se distanciava do catolicismo almejado pela Igreja Católica representada pela Província Carmelita de Bamberg.

Estudar o processo de institucionalização do catolicismo em Paranaíba-PR possibilita realizar uma análise dos aspectos religiosos, mas também culturais, no qual as inquietações, contradições e rupturas são vislumbradas a partir das narrativas produzidas por estes agentes.

Essas narrativas mostram uma leitura de mundo, ou usando Burke (2008), uma tradução cultural do que para os freis carmelitas alemães era o novo mundo, uma nova cultura que os assustava, pois, as diferenças iam desde o clima, passando por aspectos econômicos, sociais, comportamentais e finalmente religiosos. Mas que ao mesmo tempo os inebriava, principalmente no que diz respeito a diversidade existente na fauna e na flora naquele momento na região missionária.

Para Burke (2008), o conceito de tradução cultural está ligado a tentativa de um indivíduo em uma determinada cultura de entender o outro, compreender a nova realidade vivenciada. Mas é de suma importância, perceber que ao longo desse processo existe um processo análogo no qual o sujeito sofre influências e acaba reproduzindo essa influência. Para o historiador este conceito auxilia a compreender as distintas inter-relações sem perder a multiplicidade existente em determinado fato. A compreensão de uma cultura estrangeira “é análogo ao trabalho de tradução” de um texto, essa ideia se tornou usual entre os antropólogos do entorno de Edward Evans-Pritchard, e na atualidade os historiadores estão “cada vez mais interessados na ideia” (BURKE, 2008, p. 55).

Destarte é intuito deste artigo compreender as primeiras ações empreendidas por um grupo de freis carmelitas² alemães pertencentes a Província Carmelita de Bamberg na

² A história dos carmelitas alemães em Paranaíba teve início com a vinda do Frei Ulrico Goevert, pertencente a *Oberdeutsche Provinz der Karmeliten*, isto é, a Província Carmelita de Bamberg, região da Baviera, na



Alemanha (*Oberdeutsche Provinz der Karmeliten*), que iniciaram na década de 1950 em Paranaíba-PR o processo de institucionalização do catolicismo na cidade e região.

O envio do primeiro missionário alemão pertencente a Província Carmelita de Bamberg, ocorreu em 1936. Frei Ulrico chegou ao nordeste brasileiro, especificamente a Recife-PE, no dia 01 de março e dessa localidade foi enviado a Goiano-PE, onde iniciou seu trabalho religioso como mestre de noviços. Após quatro anos, em 1940, Frei Ulrico mudou-se para Recife-PE, onde permaneceu até 1951.

Frei Ulrico chegou ao Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), o que acabou gerando uma lentidão em seu projeto missionário. A partir de 1951, é retomada a idealização da fundação de uma região missionária: “com a situação já normalizada, recebi a incumbência dos meus superiores de Roma e Bamberg para fundar no sul do Brasil um posto missionário para a Província Carmelita Alemã” (GOEVERT, [1957] 1992, p. 08). Como foi estabelecido, não se tratava de qualquer território missionário; deveria estar localizado nos estados sulinos do Brasil.

O envio de Frei Ulrico configura-se enquanto estratégia utilizada pelas Congregações religiosas que enviam missionários para se ambientarem ao local, aprenderem a língua e se adaptarem à cultura. É um meio de averiguação, de conhecer as potencialidades locais e, principalmente, esquadrihar a viabilidade da fundação de uma região missionária.

Dessa maneira, caberia a esses religiosos evangelizar a comunidade leiga, tentando firmar as bases do modelo religioso almejado. Nessa perspectiva, em função da pluralidade dos grupos socioculturais existentes, a incumbência desses religiosos a partir de uma aproximação efetiva, seria levar a comunidade leiga católica a interiorizar e incorporar as práticas e comportamentos religiosos condizentes com os valorados pela instituição: os missionários aspiravam a efetiva vivência dos sacramentos pelos membros católicos da comunidade; criticavam a exagerada devoção aos santos, pois uma expressiva parcela da

Alemanha. Chegou a Recife - PE no ano de 1936 e se estabeleceu em Paranaíba no ano de 1951. Frei Ulrico chegou com a incumbência de assumir a paróquia da incipiente cidade e em função de sua extensão territorial, outros freis alemães foram enviados para auxiliarem na edificação do projeto missionário na região. De 1951 a 1976, a administração da Província Carmelita de Bamberg enviou 15 religiosos para atuarem no Comissariado Carmelita do Paraná: Frei Ulrico (1951), Frei Henrique (1952), Frei Boaventura Einberger (1953), Frei Burcardo Lippert (1954), Frei Alberto Foerst (1954), Frei Bruno Doepgen (1956), Frei Matias Warneke (1958), Frei Rafael Mainka (1961), Frei Joaquim Knoblauch (1962), Frei Jerônimo Brodka (1963), Frei Justino Stampfer (1965), Frei Afonso Pflaum (1966), Timóteo Schorn (1967), Frei Agostinho Wolf (1968) e Frei Paulo Pollmann (1971) (KNOBLAUCH, 1976, p. 05-06).



comunidade católica, colocavam os santos acima da figura de Jesus Cristo, e finalmente, aspiravam a participação contínua na celebração dominical.

Partindo desse contexto, a região de Paranavaí-PR³, lugar no qual se desenvolveram os fatos, localiza-se no noroeste do estado do Paraná, e foi a última região do estado a iniciar seu processo de ocupação efetiva, o que de maneira superficial explica a necessidade da presença de integrantes de uma Ordem religiosa que acreditando-se imbuídos de um ideal salvacionista, já que a referida comunidade em função de suas particularidades não apresentavam os comportamentos e ações esperados de um *verdadeiro* católico.

O comportamento de parte da população católica visto como deturpado pelos freis, como veremos adiante, era a justificativa necessária para os missionários que aqui estavam, legitimassem todo o trabalho empreendido, além de justificarem o constante pedido de doações materiais, e o envio de mais mão de obra qualificada para o auxílio na empreitada religiosa.

Neste artigo utilizamos como fonte documental cartas e artigos que foram escritos pelos missionários carmelitas: Frei Ulrico Goevert, Frei Henrique Wunderlich, Frei Burcard Lippert. Essas narrativas foram escritas na década de 1950 e publicadas concomitantemente em uma revista alemã de cunho religioso denominada então *Karmelstimmen*⁴. Posteriormente essa documentação foi traduzida, compilada e publicada de maneira impressa ou digital⁵: *História e memórias de Paranavaí (1992)* e *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí (2001)*.

A partir de nossa análise podemos argumentar que os missionários carmelitas adotaram dois discursos estratégicos e complementares; no primeiro, enfatizaram a abnegação, representada pela opção de deixarem a *comodidade* do país de origem e levarem a missão para outros lugares. No segundo discurso, desdobramento do anterior, a opção de viverem no *meio do mato*, com o objetivo de apresentarem o *verdadeiro*

³ Paranavaí, município localizado na região noroeste do Estado do Paraná, é a 24ª maior cidade do Estado em número de habitantes com uma população de 81.590. Conf. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=parana|paranavai>>. Acesso em: 12/07/2018.

⁴ A revista na atualidade chama-se *Karmel-Kontakt* e está disponível no endereço eletrônico: <<https://karmeliten.de/aktuelles/karmelkontakt/index.html?Partition=4>>. Acesso em: 21/07/2018.

⁵ O responsável pela tradução e compilação dessa documentação foi Frei Wilmar Santin. Frei de nacionalidade brasileira, pertence a Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância. Nasceu na cidade de Nova Londrina-PR e foi nomeado bispo da Prelazia de Itaituba-PA no dia 08/12/2010, sua ordenação episcopal ocorreu no dia 19 de março de 2011, em Paranavaí.



catolicismo para uma população que, inspirada pela conduta espiritual desses religiosos, necessitava de orientação religiosa.

Em Paranavaí, esses missionários eram representantes do corpo de especialistas⁶ da Igreja católica, engajados na edificação de um projeto missionário almejado pela Ordem Carmelita (BOURDIEU, 2011). Porta-vozes autorizados da instituição católica (BOURDIEU, 1998), a partir de seus discursos, os leitores da Revista *Karmelstimmen* recebiam as informações do trabalho missionário do longínquo Brasil.

De acordo com Bourdieu:

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, procurador

(BOURDIEU, 1998, p. 89)

Neste artigo abordaremos os mecanismos e as estratégias, usadas pelos missionários carmelitas alemães, para incutirem na população de Paranavaí valores religiosos com os quais a comunidade não estava habituada. Destacaremos os principais aspectos do projeto missionário e as estratégias utilizadas pelos freis para dar suporte à missão (CERTEAU, 1994). Importante reiterarmos que essas ações empreendidas pelos missionários alemães, eram componentes de um projeto, que tinha como objetivo, aproximar a população local do catolicismo institucionalizado.

Nossa análise terá como base as cartas e artigos publicados levando em consideração que qualquer “texto visa um receptor (ou um ‘lugar de recepção’), porque ele tem uma ‘intenção’ (uma mensagem que quer ser transmitida, ou uma informação a ser registrada)” (BARROS, 2013, p. 138).

Na documentação analisada, identificamos quatro temas que balizavam a missão carmelita: o batismo, a escola paroquial, a construção de capelas e a ignorância religiosa. Os missionários abordavam esses temas, ao mesmo tempo em que caracterizavam a vida cotidiana em uma pequena cidade do interior do Paraná na década de 1950. Neste artigo

⁶ Para Bourdieu, o *corpo de especialistas* religiosos, seriam os responsáveis pela monopolização da gestão dos bens de salvação, “socialmente reconhecidos como detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos” (2011, p. 39)



optamos por dialogar com apenas duas temáticas: batismo e escola paroquial, haja visto que esses dois temas fazem referência quase de maneira exclusiva a tentativa de encaminhamento religioso de crianças e jovens.

Nas cartas e artigos os freis argumentavam que as práticas católicas da comunidade de Paranaíba estavam corrompidas por dois motivos: pelo não comprometimento da população com o sagrado e, pela falta de sacerdotes qualificados para resolverem tal problema. Daí a importância da atuação carmelita em Paranaíba; a presença destes religiosos seria fundamental para o bom desenvolvimento da comunidade católica.

1. Batismo

O batismo na região missionária de Paranaíba esteve direcionado às crianças, não encontramos referências ao batismo de adultos. Nas cartas e artigos essa prática ficou circunscrita à população infantil. Provavelmente a população, originária da comunidade ou advinda de outros pontos do Brasil, já fossem batizadas, por esse motivo a não menção a batismos de adultos. Os missionários destacaram em vários momentos, a insatisfação em relação ao modo de *ser católico* da população de Paranaíba e região, apesar da preocupação dos membros da comunidade local que seus filhos fossem batizados na Igreja Católica.

Possivelmente a prática do batismo atraía os pais em razão de sua simbologia, pois teoricamente de maneira geral, a função do batismo é estabelecer um caráter de iniciação aos preceitos cristãos, pois ele dá legitimidade e concomitantemente um sentimento de pertencimento ao grupo religioso em questão, o batismo “é um rito das igrejas cristãs. É o primeiro dos sete grandes sacramentos da Igreja católica” (ZILLES, 1995, p. 68).

Por meio dos sacramentos a Igreja católica se coloca como mediadora da relação entre Deus e o homem, e o batismo é, por excelência, o ritual que marca o ingresso do indivíduo na comunidade cristã. “El bautismo es el sacramento fundamental. Es aquel signo salvífico establecido y fundado por Cristo, que causa la participación en su muerte y en su resurrección y, mediante ello, la destrucción del pecado y el renacer a una nova vida” (SCHMAUS, 1961, p. 135).

De acordo com o dicionário elaborado por José Aldázaba, a palavra batismo é “derivada do grego, *baptisma*, que por sua vez, vem do *bapto* (banhar) e de *baptizo*



(submergir, mergulhar na água)”⁷. O sentido originário do batismo estaria ligado à ideia de purificação e de vida nova, pois ao sair da água, o batizado se torna outro. Enquanto rito de passagem, o batismo deve operar uma mudança no âmbito individual e social do homem: “se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social” (ELIADE, 1992, p. 150). Para a efetivação do batismo torna-se necessária a “conversão” do indivíduo, representada pela mudança de mentalidade e a aceitação de Jesus Cristo como salvador; somente após essa aceitação, deveria ser realizado o sacramento do batismo (CASTILLO, 2009, p. 41-42).

No caso de Paranavaí, visto que os batizados eram realizados, majoritariamente em crianças, a prática do batismo deveria atrair a comunidade para a igreja, e a partir de então inculcar a mudança de ações frente ao sagrado, que consistiria em uma mudança de comportamentos e de práticas dos pais, que deveriam deixar de vivenciar o batismo apenas como uma tradição que lhes foi passada.

Dessa maneira, inseridos no cotidiano da comunidade da região missionária, os carmelitas alemães observavam e criticavam os pais que batizavam seus filhos, mas não lhes ensinavam os preceitos cristãos: “receber os sacramentos, especialmente o sacramento do batismo, faz parte do *ethos* e da visão de mundo dos católicos, que está arraigada no imaginário religioso, consistindo, dessa maneira, em algo cultural” (PEREIRA, 2011, p. 12).

Esta perspectiva, apontada por Pereira (2011), vem ao encontro da crítica efetuada pelo missionário alemão Frei Burcardo: “É certo que todas as crianças têm um padrinho e uma madrinha de batismo, mas só pouquíssimas sabem rezar o creio ou o pai-nosso”⁸. (LIPPERT, 2001, p. 56). Podemos conjecturar que nesse contexto o batismo era uma prática efetuada pelos membros da comunidade católica com a finalidade de pertencimento a determinado grupo. O sujeito identificava-se como católico, no entanto, esse sentimento de identificação não o levaria a vivenciar as práticas institucionalizadas da Igreja Católica.

Mais do que a busca pelo sacramento, enquanto rito iniciático da vida religiosa cristã, para a maioria da comunidade católica de Paranavaí a participação nesse sacramento significava a opção de não estar desvinculado de uma prática que foi realizada por seus

⁷ ALDÁZABA, José. *Dicionário elementar de liturgia*. Disponível em: <http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=46>. Acesso em: 20/08/2018.

⁸ Carta escrita por Frei Burcardo e publicada na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: *Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld*.



familiares e que deveria ser reproduzida na atualidade, constituindo um bem simbólico, no qual era reiterada a tradição.

Pensando esse sacramento a partir do conceito de *bem simbólico*, ou seja, como uma prática cultural que obtém determinado valor de mercado, sendo consagrado pelas leis de mercado ao status de mercadoria e oferecido à comunidade de Paranavaí para ser consumido simbolicamente. Nesse sentido, o início do processo de conversão é marcado como uma mudança de *status*, na qual o indivíduo da denominação de não católico, passa a ser chamado de católico. O batismo ocasiona o ingresso do indivíduo na comunidade religiosa e fortalece o poder simbólico da religião católica, representada na figura dos missionários, os porta-vozes autorizados para legitimarem o que é lícito ou ilícito, na região missionária (BOURDIEU, 1998).

Ressaltamos que, no início da atuação missionária em Paranavaí, a tendência da comunidade era a de reproduzir o que havia vivenciado. A cerimônia do batismo e o que decorre após sua realização tem seu cerne amparado em aspectos culturais. Segundo Andrade, as “práticas culturais representam o modo como, em uma determinada sociedade, os indivíduos se comunicam, comem e bebem, sentam-se e andam, [...] os modos de vida em que as atitudes ou normas de convivência estão presentes (ANDRADE et al, 2013, p. 20).

A comunidade católica de Paranavaí, por sua posição na hierarquia institucional, dependia das ações legitimadoras dos carmelitas alemães. Estes por sua vez, detinham uma expressiva autonomia em relação a suas ações, pois Dom Geraldo de Proença Sigaud⁹, em virtude da amplitude de sua diocese ficava impossibilitado de administrar atentamente o trabalho dos missionários alemães. Por outro lado, a Província Carmelita de Bamberg estava do outro lado do Oceano Atlântico. Dessa maneira, a insuficiente presença efetiva de superiores deu a Frei Ulrico o controle do cenário religioso em Paranavaí. Esse monopólio dos bens de salvação, (Bourdieu, 2011), oportunizou aos carmelitas a possibilidade de tentar naturalizar práticas religiosas que eram desconhecidas da comunidade católica da região missionária.

No entanto, não podemos deixar de fazer referência ao sentimento que impulsionou e reuniu sob uma mesma situação missionários carmelitas e comunidade católica de Paranavaí: a comunhão dos envolvidos na possibilidade da salvação. Para os carmelitas,

⁹ Bispo da diocese de Jacarezinho (1947–1961).



imprescindivelmente a partir da via institucional. Para os leigos, essa assertiva é parcialmente correta, pois uma parcela significativa da comunidade buscava a instituição para aceder aos sacramentos e o batismo a partir do discurso religioso é o primeiro passo para a salvação. No entanto, rotineiramente sua religiosidade era vivenciada de maneira não institucional.

Frei Burcardo em suas narrativas chama a atenção para a importância do trabalho que estava sendo efetuado por ele e por seus pares:

De acordo com os dados estatísticos em 1951, no Brasil havia 95% de católicos entre os 52,7 milhões de habitantes. Quem ler isto, pode com razão dizer: É bom demais para ser verdade! Por que então enviar-lhes missionários? E apesar disso afirmo: o Brasil é o maior e mais difícil país de missão. Como se sabe é mais fácil converter 10 pagãos do que um frio e descuidado católico.

(LIPPERT, 2001, p. 52)¹⁰

Frei Burcardo advertiu que, em um país de maioria católica e, de maneira mais circunscrita, uma região de maioria católica como Paranavaí, a recatolização da população se fazia necessária, pois o indivíduo efetuava a celebração do batismo sem, contudo, dar segmento às mudanças que deveriam ser operadas a partir dessa ação.

No contexto geográfico e cultural de Paranavaí na década de 1950, coexistiam diferentes pessoas de diversas regiões do Brasil, com diferentes costumes e diversas visões de mundo. Contudo, essas especificidades perdiam sua relevância quando o assunto era a busca pelo batismo, grande parte da população daquele momento identificava-se com o catolicismo e davam relevância a esse sacramento.

Segundo palavras de Frei Henrique: “O número de batizados e casamentos não para de crescer. 10 batizados por dia não é uma raridade” (WUNDERLICH, 2001, p. 32).¹¹ Esta passagem é significativa, pois o constante aumento do número de procura pelo batismo provavelmente esteja ligado ao aumento do número de habitantes em Paranavaí e ao grande número de nascimentos. Em carta escrita no dia 30 de junho de 1953, argumenta: “Creio que até agora já batizei mais de 1000 crianças”¹² (WUNDERLICH, 2001, p. 35). Esse

¹⁰ Publicado na *Revista Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: “*Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld*”.

¹¹ Publicado na *Revista Karmelstimmen* em novembro de 1953. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹² Publicado na *Revista Karmelstimmen* em novembro de 1953. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.



número também é indicativo de um aumento substancial da população na região missionária.

Esses dados demonstram um crescimento da cidade e da região missionária. Como o trabalho missionário não ficava circunscrito à cidade de Paranaíba, temos de agregar ao número citado por Frei Henrique, o batismo realizado em outras localidades pertencentes à paróquia. É importante ressaltar que, no cálculo realizado por Frei Henrique, não estavam contabilizados os batizados realizados por Frei Ulrico desde 1951. Após análise do contexto religioso de Paranaíba e região, os missionários elaboraram estratégias necessárias para que o batismo fosse ministrado a um maior número de crianças, uma dessas estratégias foi a fundação de uma escola de confessional como veremos adiante.

Após o exame das passagens que fazem referência ao batismo, concluímos que a importância dada a este sacramento estava ligada à necessidade de oferecer um sentido identitário ao católico, de acordo com as normas estabelecidas pela autoridade eclesiástica e tornar a Igreja um espaço de socialização, para formação de uma comunidade cristã, não mais vivendo sua religiosidade fora da instituição. Observamos também a necessidade dos missionários em combater outras vertentes religiosas que estavam ganhando espaço na região. A partir do sacramento do batismo, esperava-se que as famílias desenvolvessem determinadas práticas religiosas que os levassem a se perceberem como iguais pertencentes a um mesmo grupo religioso: “a Religião Católica, por meio dos ritos sacramentais, exerce um poder de inclusão tão eficaz como outros mecanismos sociais” (PEREIRA, 2011, p. 19).

2. Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo

As primeiras fundações de escolas no Brasil foram efetuadas a partir de projeto educacional instituído pelos jesuítas. A partir de uma série de normas impostas às crianças, os religiosos realizaram a passagem entre a escola da Idade média e o colégio da modernidade (DEL PRIORI, 2004, p. 59).

A abordagem de um projeto pedagógico traz, nas entrelinhas, algumas questões, pois, “todo projeto educacional, é um projeto social” (MANOEL, 2009, p. 121). Mais ainda: é projeto de quem? Quem o elabora e o constrói? Com base em quais premissas é elaborado? De que lugar social é feito o planejamento educacional? (MANOEL, 2009).



No caso dos missionários alemães estabelecidos em Paranavaí, o projeto educacional que foi implantado deve ser entendido como estratégia para que os missionários, a partir do acompanhamento social e religioso, exercessem maior influência na sociedade (CERTEAU, 1994). Seguindo essa linha de raciocínio e fazendo referência a Ordem jesuíta, Moura destaca que a importância dada à educação: “foi para assegurar a eficácia de seu trabalho missionário que os jesuítas entraram pela via da educação, por meio de escolas, instruindo crianças para preparar os homens do futuro” (MOURA, 2000, p. 25). Embora o autor esteja fazendo referência ao século XVI, tal ideia se aplica, em grande medida, à maneira pela qual os missionários alemães pensaram a importância da educação em Paranavaí.

Para entendermos a importância da escola católica no Brasil, é de suma importância levar em consideração o desenvolvimento da própria Igreja, pois a história e o desenvolvimento destas duas instituições estão estreitamente ligados (MOURA, 2000, p. 36), e foram afetados por eventos que extrapolaram o âmbito religioso e educacional.

A Proclamação da República em 1889 extinguiu o regime Padroado no Brasil e o catolicismo deixou de ser a religião oficial do país. Paralelo a esse fato, a Constituição de 1891 decretou a implantação do ensino leigo, o que acarretou certa insatisfação do clero brasileiro, pois sentiram que a hegemonia dada até então ao catolicismo estava ameaçada. (AZZI, 2008, p. 86). Nesse sentido, a escola confessional era uma alternativa para combater à secularização da sociedade e do sistema educacional.

Provavelmente com o intuito de transmissão ou de manutenção do catolicismo oficial, a preocupação dos missionários alemães em Paranavaí também esteve centrada, já no início da implantação do projeto missionário, na abertura de uma escola de cunho religioso. Tal preocupação pode ser evidenciada a partir das datas nas quais os freis escreveram as cartas e artigos, pois ao analisá-las, identificamos a rapidez que foi dada a essa temática.

Frei Ulrico chegou a Paranavaí no final de agosto de 1951 e, em junho de 1952 foi aberta a primeira turma para o ingresso na escola paroquial.¹³ De acordo com Frei Wilmar Santin, em nota de rodapé do artigo escrito por Frei Ulrico e que está no livro *História e memórias de Paranavaí*:

¹³ No ano de 1956, a escola foi registrada na Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Paraná, sob o nº 427. Em 1960, a escola passou a denominar-se Ginásio Nossa Senhora do Carmo, autorizado a funcionar pelo ato nº 4 de 22/02/1960 e Ofício nº 183/60 da Inspeção Seccional de Londrina/PR (COLÉGIO PAROQUIAL). Disponível em: <<https://colegioparochial.websiteseuro.com/regimento-escolar/>>. Acesso em: 15/10/2017.



Não há documentação sobre a data exata do início desta Escola. Mas provavelmente iniciou suas atividades em junho de 1952. Isto se deduz de duas cartas de Frei Ulrico enviadas ao provincial Pe. Jacobus Beck e conservadas nos arquivos da Província Carmelitana Alemã em Bamberg. Na primeira, datada de 31/03/1952, Frei Ulrico comunicou que iniciaria a Escola após a Páscoa. Na segunda, datada de 28/05/1952, ele comunicou que as matrículas estavam abertas para 4 turmas, sendo 2 para meninos e 2 para meninas.

(GOEVERT, [1957] 1992, p. 31)

A escola paroquial fundada por Frei Ulrico em 1952, foi e continua sendo uma escola de caráter religioso. Atualmente, ainda é supervisionada por religiosos carmelitas e está localizada na mesma quadra onde se situa a Paróquia São Sebastião.¹⁴

Em visita realizada dia 05/08/2014, ao Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, fomos informados que os dados acerca dessa instituição em seus anos iniciais eram esparsos. A partir dos dados oferecidos pela secretaria do colégio, organizamos o seguinte quadro em relação ao número de alunos:

Escola Paroquial (1954–1957)

Tabela 1: ano de 1954. Fonte: Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

Série	1ª	1ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	42	35	34	29	26	156
Aprovados	26	17	26	05	14	88
Reprovados	16	07	08	24	12	67

Tabela 2: ano de 1955. Fonte: Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

Série	1ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	32	43	24	18	117
Aprovados	20	40	22	17	99
Reprovados	04	03	02	01	10

Tabela 3: ano de 1956. Fonte: Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

Série	1ª	1ª	1ª	2ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	31	37	31	25	34	37	33	228
Aprovados	24	9	24	16	32	35	31	171
Reprovados	05	28	07	09	02	02	02	55

Tabela 4: ano de 1957. Fonte: Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

Série	1ª	1ª	1ª	2ª	3ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	21	20	20	34	32	13	35	215
Aprovados	11	12	10	23	16	2	28	138
Reprovados	10	07	09	10	16	11	04	74

Segundo os dados oferecidos pela secretaria, entre os anos de 1954 a 1957, não existem registros acerca das disciplinas ministradas ou matrizes curriculares, nem separação

¹⁴ O Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, está situado na rua: Antônio Felipe, nº 780, no centro da cidade de Paranavaí.



por sexo nas salas de aulas. Contudo, o quadro acima é significativo, pois coloca em evidência que a cidade de Paranavaí já contava com uma pequena elite que tinha o desejo de ofertar às crianças uma educação voltada a manutenção dos valores religiosos. Destacamos ainda, que a escola paroquial era uma escola privada e que a cidade de Paranavaí já contava com outra instituição escolar de caráter público¹⁵.

Os textos de Frei Ulrico, ao contrário das narrativas dos demais missionários, trazem certa dificuldade em relação às datas; em alguns momentos não sabemos a que ano corresponde o fato narrado. Um exemplo é a citação abaixo, que faz referência ao aumento do número de alunos e professoras, mas que não aponta a que ano ele está se referindo:

A Escola Paroquial tem no momento 559 alunos e 18 professoras. 360 alunos estudam gratuitamente. O governador e o prefeito estão me ajudando a pagar as professoras, senão sinceramente seria impossível mantê-la funcionando. As crianças da nossa Escola Paroquial assistem todo o sábado à santa missa. No momento em que o louvor prestado à bem-aventurada Virgem do Carmo, pelas 550 almas inocentes, sobe ao céu, eu sinto que Deus tem me dado uma grande graça. E muitas vezes digo-Lhe que eu não desejo me trocar por um milionário. Aqui em Paranavaí organizamos as aulas de catequese. Regularmente em todas as quartas-feiras 1.400 crianças participam do catecismo.

(GOEVERT [1957] 1992, p. 32)

A passagem acima nos chamou a atenção em relação ao número de alunos. Segundo o histórico do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, o número de alunos entre os anos de 1954 a 1957, não atingiu esse marco de 559 estudantes. Entre os anos de 1954 a 1957 a média de alunos ficou bem abaixo do número indicado por Frei Ulrico. Vale lembrar que tomamos esses anos como referência, pois condiz aos anos iniciais do trabalho missionário e aos anos em que foram publicadas as cartas e artigos na Revista *Karmelstimmen*.

Essa divergência de dados pode ser analisada a partir de três olhares: o primeiro caminha no sentido de que o Colégio Paroquial ao não dispor do número de matriculados no ano de 1953, nos levou a supor que a quantia de 559 alunos faria referência a esse ano. O segundo nos arriscamos em dizer que, talvez no histórico do Colégio Paroquial Nossa

¹⁵ Em 1948 foi fundado o *Grupo Escolar Paranavaí*, a partir do Decreto de criação 4.123 de 06/09/48. Era uma escola laica e tutorada pelo governo do Estado do Paraná. Atualmente é chamada de Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Newton Guimarães – Ensino Fundamental e Médio. Informações coletadas na secretaria da própria escola, no dia 13/03/2014.



Senhora do Carmo, só existem registros dos alunos que pagavam mensalidades e o histórico dos alunos que eram custeados pelo Estado ficava sob a tutoria de outra instituição. Finalmente, também podemos conjecturar que Frei Ulrico, na tentativa de valorizar o papel missionário em suas cartas e artigos, aumentou o número de alunos da escola, com o intuito de sensibilizar os leitores da revista.

De acordo com as cartas e artigos, a fundação da Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo esteve ligada à tentativa de diminuir o analfabetismo presente em Paranavaí e, paralelamente, incentivar a formação religiosa da população em questão. Assim em 1954, Frei Burcardo traz dados relevantes em relação ao contexto educacional do país e de Paranavaí:

Completa ignorância! De acordo com o último CENSO, o Brasil tem 9.908.255 homens e 11.387.235 mulheres, que não sabem ler e escrever. Portanto há 21.295.490 analfabetos, aproximadamente a metade da população. Em parte isto é causado pelo fato do ensino não ser obrigatório. Os pais são livres para mandarem ou não seus filhos para a escola. Uma outra causa é a falta de escolas e professores. Aqui em Paranavaí só há aulas até o 4º ano primário. Existem duas escolas: uma estadual com 900 alunos e 19 professoras e uma nova escola paroquial com 250 alunos e 5 professoras. É característico e elucidativo que até numa escola de religiosos brasileiros o quadro docente seja composto quase só por professoras. O salário é tão baixo que nem um pai de família pode viver e subsistir como professor. As salas de aula são muito pequenas para abrigar o crescente número de alunos. As crianças da nossa escola paroquial estão provisoriamente utilizando a antiga igreja

(LIPPERT, 2001, p. 56)¹⁶

Frei Burcardo chama a atenção para o insuficiente compromisso social com que o poder público administra o sistema educacional brasileiro. Em um plano mais específico, podemos argumentar acerca de suas preocupações: se as escolas são escassas, como desenvolver habilidades essenciais para a formação humana? Em suas palavras havia uma intencionalidade informativa acerca do contexto social vivenciado, mas principalmente, apontava para a necessidade de fomentar firmemente o sentimento de compaixão frente as dificuldades enfrentadas.

¹⁶ A referência que faz Frei Burcardo em relação ao Censo, corresponde aos números apresentados no Anuário Estatístico do Brasil de 1953, no subitem: e) Distribuição das pessoas presentes de 5 anos e mais, segundo a instrução e o sexo e grupos de idade- 1º- IX- 1940 e 1º- VIII-1950. (ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 1953, p. 388). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1953.pdf>. Acesso em: 15/10/2017. Importante ressaltar que existe uma pequena diferença numérica, mas nada que destoe as palavras de Frei Burcardo Lippert.



Dessa maneira, segundo nossa interpretação o conteúdo da citação acima também é uma tentativa de justificar os pedidos de *ajuda* enviados à Alemanha. Ao informar que 50% da população do Brasil era composta por analfabetos, Frei Burcardo não faz referência a Paranaíba, mas apresenta os problemas enfrentados para que o trabalho missionário se efetive: “As crianças que frequentam a escola paroquial, estudam na antiga Igreja”. Para Frei Burcardo, existia um público a ser educado, mas não existia um ambiente propício, para que a aprendizagem ocorresse.

No início da implantação da escola paroquial, Frei Ulrico relata as dificuldades encontradas para a contratação de professoras. A cidade de Paranaíba estava em processo de ocupação, provavelmente deve ter sido relativamente difícil encontrar mão de obra especializada que perdurasse em seu posto de trabalho, o que evidencia determinada rotatividade:

Na contratação das professoras agora sou mais cauteloso. As melhores para mim são as mais feias e aquelas que ficaram noivas duas ou três vezes, pelo menos. Isto é difícil aqui. É que aqui, bem diferente do resto do mundo, há uma grande falta de mulheres. Isto acontece porque nestas terras novas quase só chegam recém-casados ou solteiros. Daí que as moças já muito novas são dadas em casamento. Eu posso bem dizer que entre os 1600 casamentos, que realizei nestes 7 anos de presença aqui, 90% das noivas tinham menos do que 18 anos. Com 20 anos uma moça já é uma velha senhora. Quando acontece de uma moça solteira com 24 anos se oferecer como professora, posso pelo menos esperar que ela permaneça na escola por um bom tempo.

(GOEVERT [1957] 1992, p. 32)

Sempre foi claro para mim que, se eu quero ter bons professores, devo pagar bem. Nos primeiros tempos eu recebia de cada aluno 30 cruzeiros, isto significava 2 marcos alemães, por mês. Eu tinha 220 alunos para os quais eram necessárias 6 professoras. Com o dinheiro que recebia pagava as professoras. No ano seguinte aumentei a mensalidade e o salário. Assim pude exigir melhores resultados das professoras.

(GOEVERT [1957] 1992, p. 32-33)

É fato que estamos frente a uma escola católica e uma comunidade social e religiosa em formação. Levando em consideração o contexto de Paranaíba, a mudança e a formação que os missionários projetavam para a comunidade, podemos pensar que as professoras eram escolhidas para serem auxiliadoras no processo de educação e formação religiosa. Se a ideia de bom católico, aspirada pelos missionários alemães, passava pela tarefa de educar as



crianças, o papel das professoras era fundamental, pois eram elas as responsáveis pela efetiva operacionalização desse projeto em sala de aula.

Na escola paroquial de Paranaíba, as professoras que exerciam o magistério eram leigas, não faziam parte da Ordem Carmelitana, contudo eram supervisionadas por Frei Ulrico. Nesse sentido, as professoras contratadas pelo missionário eram aquelas que tivessem uma boa formação social e religiosa ou, pelo menos, que ele considerasse satisfatórias.

Frei Ulrico além de oferecer uma base educacional às crianças das famílias de elevada posição social, estendeu o atendimento da escola às crianças mais necessitadas. Segundo nossa interpretação, isso ocorreu em virtude das dificuldades financeiras pelas quais passava o projeto missionário nos primeiros anos de edificação da missão. A escola católica recebia ajuda financeira do Estado e cumpria seu projeto político de recristianizar a sociedade ao recrutar crianças que as famílias não tinham condições de custear seus estudos.

Neste contexto, a escola paroquial auxiliou o combate ao analfabetismo da cidade, mas principalmente serviu de reduto para ensinar as crianças a *verdadeira* doutrina cristã e, possivelmente a curto prazo, formar o grupo abastado de Paranaíba, dentro das práticas cristãs oficiais que, a partir de suas relações sociais e familiares, iriam levar adiante o projeto político religioso católico. Nesse sentido, a criação da Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, além da preocupação formativa religiosa, foi fundada como estratégia de sobrevivência do projeto missionário, por ser uma das formas de autofinanciamento das missões.

Outro aspecto relevante reside no fato da escola paroquial inculcar, em seus alunos, a necessidade da participação nas atividades paroquianas além da participação na celebração da missa dominical.

Como a escola paroquial, conseguiu alcançar os resultados esperados por Frei Ulrico, ocorreu um desdobramento da escola com a fundação do Jardim de Infância de Paranaíba, para que a orientação religiosa oferecida estivesse presente, entre as crianças menores. Segundo palavras de Frei Ulrico:

Se não tivéssemos a Escola Paroquial não poderíamos levar nem metade das crianças para Jesus. E para que a Escola Paroquial pudesse prosperar, foi necessário que nós, missionários, nos dedicássemos às crianças desde pequenas. [...] Portanto foi absolutamente necessário construir um Jardim



da Infância. Alguns ‘super inteligentes’ me aconselharam a não me meter nisto, visto que eu não tinha dinheiro. [...] Primeiramente foram matriculadas 40 crianças, depois 50 e em seguida 60. Finalmente vimo-nos forçados a construir um novo Jardim da Infância. Com a ajuda de Deus conseguimos isto também em pouco tempo.

(GOEVERT [1957] 1992, p. 38)

Fundado por Frei Ulrico em 1953, o Jardim da Infância contou, por algum tempo, com o auxílio das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha, que chegaram a Paranavaí em junho de 1955. Em 1960 o Jardim da Infância passou a ser dirigido pelas *Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo*:

Em 31 de janeiro de 1960 chegaram em Paranavaí as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo para assumir a direção da Escola Nossa Senhora do Carmo, a pedido da comunidade carmelitana. Vieram substituir as Irmãs Carmelitanas missionárias de Santa Terezinha. [...] O Educandário São Vicente de Paulo de Paranavaí foi fundado com o nome de Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1953, com a aprovação da autoridade Eclesiástica Diocesana Dom Geraldo Sigaud.

(ESCOLA Vicentina São Vicente de Paulo, 2014)

A educação escolar e a construção da escola paroquial constituíram-se como o espaço mais apropriado para ensinar as crianças a viverem dentro do catolicismo almejado pela Ordem Carmelita, a partir da figura de Frei Ulrico. A instituição escolar se tornou um eficiente meio para conseguir alcançar um amplo desenvolvimento do campo religioso, que intencionava radicar as práticas religiosas pouco condizentes, praticadas pelos leigos católicos de Paranavaí.

As práticas religiosas, partilhadas e praticadas pelos moradores de Paranavaí e região foram identificadas de catolicismo popular. Pensaremos essas práticas a partir da definição de Mainwaring: “Por catolicismo popular entende-se um conjunto de crenças religiosas tradicionais e de práticas desenvolvidas fora da Igreja” (MAINWARING, 2004, p. 30). Dentro do contexto territorial do qual estamos tratando, as Igrejas eram escassas e as pessoas praticavam sua religiosidade em ambiente doméstico. Neste sentido, a construção da escola paroquial, atendia uma demanda crescente a partir da visão dos missionários para ensinar o catolicismo institucional.

A instituição das práticas religiosas legitima a Ordem Carmelita e seu porta-voz, Frei Ulrico, como manipulador dos *bens de salvação* (BOURDIEU, 2011). Nessa perspectiva, no que concerne a temática *Escola Paroquial*, a voz de Frei Ulrico é a mais citada, pelo fato de



ter sido ele quem operacionalizou a abertura desta instituição educacional/religiosa. Além desse fato, acrescentamos que no livro *História e memórias de Paranavaí*, há um capítulo denominado *Fundação da Escola*. No discurso dos demais missionários a temática é abordada de maneira menos relevante.

Considerações finais

Ao longo do trabalho de análise dessas fontes notamos que parece existir uma dicotomia entre bons e maus cristãos que só seria amenizada a partir de um trabalho religioso que envolveria uma série de ações que era iniciava principalmente com os mais jovens.

Tendo como referencial o que foi exposto, a partir das duas temáticas selecionadas: batismo e escola paroquial, acreditamos que teoricamente as estratégias utilizadas alcançaram eficácia dentro da perspectiva de aproximação da comunidade ao discurso e as práticas próximas dos ideais católicos institucionalizados. Em primeiro lugar porque ao batizar as crianças esperava-se uma mudança comportamental substancial em relação ao catolicismo vivenciado pelos pais. Em segundo lugar a partir do contato na escola paroquial, os freis tinham rotineiramente em razão da proximidade diária com as crianças, a oportunidade de inculcar nestas os ideais almejados.

Não obstante, na prática a efetivação dessa mudança comportamental era mais lenta e dolorosa para os missionários. E essa tensão em relação ao processo de institucionalização do catolicismo em Paranavaí e região é extrapolada, ou dito de outra forma, as angústias vividas são compartilhadas a partir das cartas e artigos escritos, pois o ato de escrever é também, um ato de dividir dissabores e assim aliviar as angústias existentes.

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se que nem todo discurso foi assimilado, nem toda prática foi apreendida, pois nem toda a mudança almejada pelos missionários alemães foi apropriada. Assim como, os missionários também não permaneceram com os mesmos preceitos e objetivos com os quais chegaram, existiram trocas culturais de ambos os lados, que influenciaram mutuamente ao longo do transcorrer do processo.



Referências

ALDÁZABA, José. *Dicionário elementar de liturgia*. Disponível em: <http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=46>. Acesso em: 20/08/2018.

ANDRADE, Solange Ramos de et al. *História das religiões*. Maringá: Eduem, 2013.

AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CASTILLO, José M. Batismo e confirmação. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO. Disponível em: <<https://colegioparochial.websiteseuro.com/regimento-escolar/>>. Acesso em: 15/10/2017.

DEL PRIORI, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. Coleção História em movimento. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCOLA Vicentina São Vicente de Paulo. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.escolasvp.com.br/Pagina.aspx?ID=0005&menu=1>>. Acesso em: 05/10/2017.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=parana|paranavai>>. Acesso em: 12/07/2018.

GOEVERT, Frei Ulrico. *História e memórias de Paranavaí*. Trad. e notas de Frei Wilmar Santin, O Carm. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992.

Karmel-Kontakt. Disponível em: <<https://karmeliten.de/aktuelles/karmelkontakt/index.html?Partition=4>>. Acesso em: 21/07/2018.



KNOBLAUCH, Frei Joaquim. *Os vinte cinco anos dos carmelitas da Província Germaniae Superioris no Brasil*. Trad. Frei Wilmar Santin. Disponível em: <<http://www.ocarm.org/books/content/os-25-anos-dos-carmelitas-da-prov%C3%ADncia-germaniae-superioris-no-brasil>>. Acesso em: 05/07/2018.

LIPPERT, Frei Burcard. Brasil: um difícil campo de trabalho. In: FOERST, Alberto et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas de Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p. 50-58. Disponível em: <<http://ocarmelo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13/03/2017.

MAINWARIG, Scott. *A Igreja católica e a política no Brasil (1916–1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800–1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. A educação na modernidade. In: SETOGUTI, Ruth Izumi (org.). *Fundamentos históricos da educação*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

MOURA, Laércio Dias. *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PEREIRA, José Carlos. *Os sete sacramentos: abordagem socioantropológica*. Uberlândia: Editora A Partilha, 2011.

SCHMAUS, Michael. *Teologia dogmática*. VI. Los sacramentos. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1961.

WUNDERLICH, Frei Henrique. Cartas do Brasil. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p. 21-40. Disponível em: <<http://ocarmelo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13/03/2014.

ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

